JOÃO NOGUEIRA

O "INSTITUTO DO CEARÁ" se reuniu, em sessão especial, dedicada ao seu extinto consócio João Nogueira, no trigesimo dia de seu falecimento.

Nela falou a consócia Alba Valdez em nome do Instituto, e o seu substancioso discurso vai em seguida transcrito na íntegra.

Os sentimentos da família do saudoso morto foram interpretados pelo Dr. Raimundo Alencar Araripe que em frases brilhantes agradeceu a homenagem prestada ao grande cearense.

Discurso dc ALBA VALDEZ

Ilustre Sr. Presidente do Instituto do Ceará.
Dignos consócios.
Exmo. Sr. Dr. Raimundo Alencar Araripe.
Meus senhores.
Minhas senhoras.

Reune-se nesta hora, em pública sessão magna, o Instituto do Ceará para reverenciar e exalçar a memória do ilustre consócio Dr. João Franklin de Alencar Nogueira, que a morte abateu na segunda madrugada de dezembro, que há pouco findou.

Palavras mais seguras e ressoantes, exuberando em extensão e profundidade, é que deveriam concretizar aqui a grandeza dos conceitos sobre essa figura de homem, que foi alta expressão da sociedade e das letras históricas cearenses.

Fora de esperar que, indicada para ocupar a posição em

que me encontro, eu, frágil para tamanha responsabilidade, me esquivasse à elevada honra que me fazia a egrégia associação cultural a que pertenço, tanto mais quanto ela conta em seu seio oradores que conquistaram fama nos prélios arriscados e envolventes da tribuna. Fora para considerar o cenário que surgiria na significativa solenidade: o brilho de auditório como este, que se me depara, no qual vejo o que a nossa cidade possui de mais representativo nas actividades sociais e intelectuais. Fora para reflectir, repito, em todo esse esplendor, em contraste com a simpleza do meu espírito que, de modo algum, corresponderia ao fulgor do espetáculo que se iria desenrolar neste recinto. Que imperativo então me situou nesta culminância de íngreme e temida ascenção?

Inicialmente, o acatamento devido à palavra de ordem do nobre sodalício que, no momento agro da tristeza, pela perda do companheiro inesquecível, não cogitou da selecção de valores. Todos sentíamos igualmente, profundamente. O sentimento é uma poderosa fonte de eloquência. Eu, nesse extremo, poderia falar. Falar, empregando a linguagem espontânea, sem retórica, da minha emoção.

Outro imperativo foram os reclamos da estima e da admiração que o Dr. João Nogueira sabia despertar na convivência de colegas e amigos. Não era ele apenas o membro do Instituto, imbuído da estrita compreensão gregária, a frequentar a sede social para dar cumprimento a dispositivos regulamentares, comparecer à sessão quinzenal, assinar a acta, ler um trabalho, quando, para isso designado, discutir assuntos e pontos de interesse da sociedade.

Á correcção do sócio, aliviam-se-lhe as finezas do coração, a elegância moral, advinda de uma civilização que já vai desaparecendo, a atracção de uma conversa em que tanto sobressaía o cuidadoso e incansável perquiridor dos factos da nossa história como o homem amável e de carácter, que sempre soube ser.

E, por tudo isso, a maneira discreta, insinuante, subtil, de se tornar amigo, pairando sobre o ser sensível como uma fluidez de ouro.

Durante anos, o valor moral e intelectual de João Franklin

de Alencar Nogueira se reflectiu nesta tenda de trabalho, circundada de efígies venerandas que lhe acordavam augustas recordações.

Quem é essa figura de respeitável porte, cabelo e barba estriados pela neve dos anos, fisionomia bondosa, e que se lhe afigurava fitá-lo com acentuada doçura? E' a de seu pai, desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, historiador assás citado, um dos fundadores da velha sociedade e o primeiro que a ela presidiu. O afecto filial de João Nogueira não se restringia ao embalo dolente da saudade — paliativo da dor, causada pela ausência do bem perdido. A morte não fizera senão encerrar a forma corpórea do pai e amigo dentro da área emparedada do túmulo, que ele ia visitar religiosamente, aos sábados, sob a serenidade azul do céu e o gemer da folhagem, que sombreia aquelas paragens sossegadas. Orava, deixando-se ficar por algum tempo a conversar com o espírito paterno acerca de cousas íntimas, aninhadas nos desvãos da sua alma. Não há negar a verdade deste truismo: a nossa felicidade e a nossa desdita residem em nós mesmos, no mundo interior que construimos ao influxo dos nossos interesses e das nossas paixões, das nossas alegrias e tristezas. Dali ele retornava ao mundo de cada dia a viver a vida que se pautara entre o estudo, os amigos e o passado, que lhe acenava com a lição dos heroismos e sacrifícios dos que nos precederam na defesa do nosso património histórico. No Instituto do Ceará encontrava sadio ambiente para as tendências e predilecções do seu espírito. Assim, como é lícito deduzir, a pontualidade e a assiduidade lhe provinham mais do prazer intelectual do que da injunção de um dever social.

A cadeira que ocupou foi a em que se sentou, por mais de cinco décadas, aquele a quem cabe o título de super-homem da história de nossa terra e um dos mais notáveis historiógrafos do Brasil, o Barão de Studart, que se encadeia à própria existência do Instituto do Ceará. Pelo critério, pelo patriotismo, pelo carácter, foi João Nogueira o digno sucessor daquele eminente cearense.

Dos trabalhos escritos e reunidos por ele mesmo, formando os originais de um volume que intitulou *Ceará Velho* e que o

Instituto pretende publicar, ressaltam aqueles traços marcantes da sua fisionomia moral e intelectual.

A ele, servindo de sujeito, podem-se formular com o auxílio dos elementos principais de sua psique as mais fortes proposições irredutíveis: — ele amava a sua terra, porque tinha carácter, critério, dignidade. Porque tinha carácter, critério, dignidade, amava a sua terra.

Essa irredutibilidade assemelha-se, em certo ponto, a irredutibilidade da grandiloqua poesia de Camões e de outros génios: não há passá-las para prosa. São poesia e nada mais.

Cousa árdua de cumprir é o dever, máxime quando o indivíduo exerce função pública administrativa em que — quantas vezes! — por mais correcto que queira ser, tem de se voltar aos caprichos dessa megera sem entranhas — a política, com inicial minúscula. Todavia João Nogueira jamais se dobrou às suas promessas e ameaças.

Engenheiro, desempenhou, pela competência, os mais elevados cargos da Rede de Viação Cearense, tendo em máxima consideração o cumprimento do dever. Nesse tocante, contam-se interessantes episódios. Aliás, em torno da vida de João Nogueira gravitam episódios que, mais do que palavras, o definem magistralmente. Quando engenheiro-chefe da Locomoção, realizou a sua primeira viagem mensal, em companhia de colegas que, como ele, iam fiscalizar os serviços da Estrada. Em determinada estação, desceram e João Nogueira, ao avistar umas máquinas novas que chispavam à distância, afastou-se dos companheiros afim de examiná-las de perto.

O vigia, vendo aquele homenzinho desconhecido, seco de corpo, vestido modestamente, mãos cruzadas para trás, e que ia em direcção das máquinas, advertiu-o de que era proibida a pessoas estranhas a entrada do local.

O novo engenheiro-chefe da Locomoção, que o vigia ainda não conhecia, retrocedeu, aceitando a advertência. Logo depois, o operário sabendo que aquele estranho era o novo engenheiro-chefe da Locomoção, foi procurá-lo.

— Senhor doutor — lastimou-se o velho trabalhador, — machucando nervosamente o chapéu entre as mãos — eu não

sabia quem era V. Sa.. Perdoe-me o... Talvez o pobre do homem fosse articular uma palavra assim como atrevimento mas João Nogueira não o deixou terminar. Mergulhou a mão no bolso, tirou de dentro uma nota de 10$000 e passou-a ao vigia, explicando: — O sr. cumpriu o seu dever. Estou muito satisfeito.

Ao tempo de sua interinidade na directoria da Estrada de Ferro de Baturité, que fora arrendada, o *Jornal do Ceará*, redatoriado por Valdemiro Cavalcanti, o qual fazia desabrida e feroz oposição ao governo do dr. Nogueira Acioli, inseriu o seguinte sob o título *Pergunta Inocente*:

Ao sr. dr. João Nogueira, director interino da Estrada de Ferro de Baturité, dirigimos, muito inocentemente, a pergunta seguinte:

— O carro especial, que conduz diariàmente Acióli para as folganças de Mondubim, é pago pelo Estado ou não passa de uma gentileza dos arrendatários? Neste último caso, precisamos saber se o favor concedido consta da escritura da Estrada de Ferro para que não seja prejudicada a União.

E' favor do sr. João Nogueira satisfazer a pergunta inocente".

Na edição seguinte, o mencionado jornal repisava o assunto, exarando este tópico: "Não nos disse nada (referia-se ao director interino dr. João Nogueira) mas corre que s. sa., sabendo do facto, proibiu-o desde logo, salvo se o sr. Acióli fisesse requisição oficial, responsabilizando-se pelas despesas".

João Nogueira recortou o artigo agressivo, grudou-o numa miscelânea, escrevendo à margem esta nota incisiva de indignada altivêz: "Mentira! Nunca o fiz. O carro era cedido pelos arrendatários que bem o podiam fazer".

O nome do director interino da Estrada, metido na denuncia do *Jornal do Ceará*, eram pecuinhas da oposição que farejava o mínimo pretexto para produzir um escarceu em torno da administração do dr. Acióli e contava com o concurso intelectual de João Brígido, Agapito dos Santos, Américo Facó e outros jornalistas de qualidade.

No meio cearense eram bem conhecidas a independência, a honra, a dignidade de João Nogueira, que se fazia estimar, in-

distintamente, de quantos com ele privavam. A imprensa que não era apaixonada nem movida por exceessos políticos, essa lhe rendia justiça, que nunca lhe foi regateada, quer na carreira de homem público, quer na vida simples de cidadão.

Da interinidade de director da Estrada de Ferro de Baturité, voltou às suas funções de engenheiro-chefe da Locomoção, continuando a exercê-las com a mesma inteligência e critério. Tempos depois, entre ele e o engenheiro-chefe surgiu uma desinteligência que deu em resultado o seu afastamento definitivo do departamento que dirigia, por julgar-se ofendido na sua reputação profissional. Lá mais não voltou, apesar dos empenhos que se fiseram nesse sentido. Em vista da situação criada, o engenheiro-chefe lhe mandou pagar 3:000$ que lhe cabiam, mas João Nogueira não se julgou com direito a essa quantia, algo elevada para aqueles suspirados tempos de vida barata. Passou procuração a monsenhor Tabosa Braga, recomendando-lhe que dividisse o dinheiro em partes iguais entre o Leprosário e uma pessoa amiga. Obtendo a aposentadoria do cargo, a vida se lhe derivou para um ramo que lhe propiciava mais espaço para as ocupações do espírito, a palestra com os amigos, a investigação e colheita dos factos para a história da sua amada Fortaleza, do seu querido Ceará. A casa lhe era um lugar remansoso, cheio do olhar doce e cuidadoso de sua irmã Maria José, o anjo bom, que lhe velou grande parte da existência.

Quando não vinham procurá-lo os amigos para se deliciarem com a sua palestra instrutiva da história cearense através da leitura feita de alfarrábios e das próprias reminiscências, entregava-se ao trabalho de escrever, visando esclarecer um facto, rectificar ou restabelecer a verdade histórica, corrigir um erro, como aquele da prisão da sua parenta Bárbara de Alencar num subterrâneo do Quartel Federal.

Publicava os seus trabalhos com o próprio nome, usando ainda os pseudónimos de *Dr. Fausto* e *Preste João,* além das suas iniciais J. N. com que subscrevia as poesias e os pensamentos que compunha. Amava as musas e, escrevendo máximas e pensamentos, foi até um bom aluno do Marquês de Maricá.

Eis alguns de seus pensamentos colhidos a esmo: " — Ou-

vindo o *Angelus*, sinto uma imensa saudade; tenho vontade de ir não sei para onde, procurar não sei o que. — O tempo esmaece as nossas impressões, como o sol descolora as tintas mais brilhantes. — O relâmpago com ser curto não deixa de ser deslumbrante. — Sabemos o poder das cousas invisiveis: o interesse é uma delas, e que poder não tem esse monstro! — Maldita seja a glória que repousa no sangue. — Uma das melhores provas que um homem pode dar de si, é fazer bem, quando poderia fazer mal impunemente. — O monturo não deixa de ser monturo por ter produzido uma flor".

Absorvido com os livros ou com a pena, permanecia longo espaço no seu gabinete de trabalho, onde se encontravam objetos queridos que conservava ao pé de si. A vulgar cadeira amarela em que se sentava e a velha mesinha sobre a qual trabalhava, trouxera-as do Rio de Janeiro. Conservava carinhosamente essas testemunhas dos seus belos tempos de estudante.

"Todo velho é amigo do passado", observava ele, iniciando um pensamento. Concluia o pensamento e reunia notas. Não sentia o trabalho, não se arrancava dali. Se havia necessidade de chamar alguém, utilizava-se de dois objectos, postos ao lado: um almofariz de ferro e um pequeno martelo, cada qual com a sua história.

O almofariz artísticamente lavrado contava mais de cem anos. Recordava Monguba, fazenda dos seus avós, lugar profundamente amado, onde vivera a meninice em companhia dos pais. O martelo era mais jovem e integrava uma ferramenta, que lhe dera — brincadeira de estudante — o amigo e companheiro de estudos Hermino Barroso naqueles tempos ditosos em que, arvorando-se em engenheiro ou cousa semelhante, se metia a arrancar as fechaduras das portas da casa e a desmontar os encostados ferros velhos para recompô-los novamente. Percutindo o martelo no almofariz, tirava dos dois um som vibrante, retinido, que enchia a casa. Para ele, não existia campainha igual. A geração a que pertenceu João Franklin de Alencar Nogueira fazia praça de ceticismo e impiedade, inspirados no individualismo corrente nesse liberalíssimo século XIX, incendido todo ele pelas teorias revolucionárias de Rousseau e pelos

reverberos da Revolução Francesa. Ao número dos céticos, diz o dr. A. Opisso em seu valioso livro *A arte de pensar*, figuram homens ilustres que, em seus ódios filosóficos na aparência, ainda que na realidade sejam políticos ou religiosos, não vacilam em desacreditar e negar as luzes da razão.

João Nogueira, filho do século, não ficou imune do virus do ceticismo religioso. Esboçava um leve sorriso a certos dogmas cristãos e, como todo moço instruído de sua época, leu Renan. Andava na moda a leitura de *La vie de Jésus*, do cético bretão. Desde o começo, a obra despertou-lhe o interesse, que foi aumentando, aumentando, até quando acabou de lê-la. Nesse ínterim, surgiu um quadro de estarrecer as pessôas de casa que passavam por ali: viram o Joãozinho, como lhe chamavam na intimidade do lar, viram-no — oh! espectáculo inesperado! joelhos em terra, diante da imagem do Crucificado. O ímpio Renan, contra a espectativa geral e a sua própria, conduzira-o a amar Jesus. Tomou gosto pela literatura religiosa. Deletreava com verdadeiro prazer espiritual a Bíblia, empolgando-se com a narrativa dos Santos Evangelhos e a poesia do Cântico dos Cânticos. Outro grande livro de sua predilecção era a Imitação de Cristo e também os de histórias da vida dos santos. Nunca se consolou de se ter desfeito, na fase árida da descrença, de uma obra preciosa — Flos Sanctorum — relíquia bibliográfica, que pertencera à família.

O seu pensamento religioso estrelava-se com a sua veneração pela Santíssima Virgem. E, num dia de 1912, ao cair do crepúsculo, na estação de Cedro onde se demorava, compôs esta *Ave-Maria*, que dedicou à sua irmã Maria José:

Ave-Maria! Mãe amorosa
Divina Rosa, Filha da Cruz!
Mãe carinhosa do Deus menino,
Do pequenino, doce Jesus.

Entre as mulheres, a preferida,
A escolhida do amor de Deus.
Virgem celeste, sê tu bendita,
Na terra aflita, nos calmos céus.

Bendito filho, que tu tiveste
Que tu perdeste, morto na Cruz.
Ave-Maria! Mãe piedosa,
Divina rosa, filha da luz!

Na hora incerta, que minha vida
Oh! Mãe querida, for acabar,
Volve à minha alma, doce Maria,
Minha alegria, teu doce olhar.

Gaston Boissier pinta algures uma cena de Cícero, de visita a uma de suas casas de campo: "Cícero, — escreve Boissier — entrega-se à alegria de rever uma das suas belas casas de campo; nunca ela lhe pareceu tão bela. Visita os porticos, os ginásios, as exedras; corre para os seus livros, envergonhado por os ter deixado. O amor da solidão apodera-se dele a tal ponto que não se encontra nunca só."

O ambiente familiar com os seus vários aspectos bastava ao tribuno romano, que reentrava na paz amada, no tranquilo viver do campo, na sua adorada solidão, que não era solidão, porque o ar que respirava, as cousas que o rodeavam, tudo lhe fazia encantadora companhia.

Em João Nogueira o amor do Ceará era tão alto que atingia as raias de uma nevrose. Amava tanto Fortaleza, que os seus amigos o chamavam, jovialmente, "o noivo da cidade", lembrando-se, talvez, de que ele era inupto.

Ninguém tocasse na cidade. Fortaleza era a jóia de lavor antigo que se devia conservar intacta, afim de nada perder de sua preciosidade.

Não brandir o machado para decepar uma árvore, como aquele venerando oitizeiro da rua do Rosário, o qual no decorrer de sua existência mais do que centenária viu Fortaleza em faixas infantis; foi contemporâneo do heróico padre Gonçalo Mororó e de seus dignos companheiros, que, por amarem a Liberdade e a Pátria, tombaram ás balas da famigerada Comissão Militar presidida por Conrado Jacob de Niemeyer, de nefanda

memória, ao tempo da proclamação da República do Equador.

O oitizeiro conheceu o benemérito António Rodrigues Ferreira, "o Ferreira Boticário" que, auxiliado pelo engenheiro Adolfo Hérbster deu á cidade de Fortaleza as linhas graciosas do plano urbanístico de Silva Paulet, ruas alinhadas com a forma de xadrez, uma de suas maiores belezas.

Ele, João Nogueira, dedicava verdadeiro culto á memória do maior gestor da comuna no antigo regime e cujos despojos mortais jaziam no ossuário do Cemitério Novo (actual São João Baptista) numa obscuridade de compungir os corações patriotas. Prometeu a si mesmo dar-lhes lugar mais digno, o que realizou a 7 de agosto de 1926 com uma cerimónia íntima, mas imponente pelo sentimento que a inspirou.

A sensibilidade se lhe aguçava ao dar com o desmoronamento de um prédio histórico, desfigurando a cidade e desfalcando-a de uma antiguidade. Que ela permanecesse como nos velhos tempos da sua infância e da sua mocidade, ruas e praças e largos com os mesmos nomes antigos que ele declinava até nos seus escritos: rua Amélia, rua Formosa, rua da Palma, rua da Boa-Vista, Campo da Amélia, Largo do Garrote e assim por diante.

Preferia a cidade antiga, ensombrada de oitizeiros, de mongubeiras, cajueiros, castanholeiras, a lhe darem um ar bucólico tão do seu agrado.

Desejava naturalmente que Fortaleza se estendesse em bairros novos, ostentando arranha-céus, bangalós, habitações de arquitectura moderna, cintados pela folhagem uniforme dos ficus-benjamins, fruindo as belezas do progresso, sem prejuiso da continuidade histórica, da tradição.

Certo dia, ele lia Camões: "Esta é a ditosa pátria minha amada".

Quando acabou de declamar a estância, tomou da pena, inspirado, e escreveu no seu livro de lembranças os versos que se seguem, assinando-os com as suas iniciais J. N. e pondo abaixo, entre parentese, esta conscienciosa nota: "Plagiando Camões":

E' esta a formosa terra minha amada,
Que o céu me concedeu por doce abrigo:
E permita que, após vida dilatada,
Extinga-se esta luz aqui comigo.

Pela verticalidade do carácter, pela significação e nobreza de que impregnou toda a sua existência, João Nogueira honrou a terra natal, que soube amar entranhadamente.

E a terra natal, — o Ceará de coração vibrante, tropical, — guarda carinhosamente o nome desse filho entre os mais ilustres e memoráveis.